



Fixe Malaike – O cotidiano de brasileiros em Angola¹

Juliana Passos ALVES²

Joana Santos NEITSCH³

Gislene SILVA⁴

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Fixe-Malaike é um livro reportagem apresentado como trabalho de conclusão de curso. Neste trabalho aborda-se o processo de produção, que começou em agosto de 2009 com a escolha do tema, até a finalização do livro, em dezembro de 2010. Foram um ano e meio de trabalho e apenas um mês em Luanda. O trabalho está dividido em sete capítulos, cada qual com seus personagens específicos e aqui discutimos o trabalho feito a quatro mãos, a escolha por contar a relação de Brasil e Angola com condução da vida dos personagens, e não o contrário, encaixando histórias a depender dos dados oficiais.

PALAVRAS-CHAVE: Angola; cotidiano; brasileiros.

1 INTRODUÇÃO

O processo de produção, as escolhas editoriais e métodos jornalísticos que resultaram no livro-reportagem *Fixe Malaike – O cotidiano de brasileiros em Angola* são descritos neste artigo, que mescla o relato das experiências com reflexões baseadas no aprendizado durante a graduação em Jornalismo. O projeto foi desenvolvido no segundo semestre de 2010 e apresentado como trabalho de conclusão de curso.

Apresenta-se aqui um relato dos procedimentos, desafios e o resultado projeto. Uma breve análise da história de Angola e das suas relações com o Brasil contribui com a compreensão da relevância do tema para uma pauta jornalística.

Também se volta à atenção para importância que tem a vivência das repórteres no resultado final do trabalho. Não no sentido de se fazer relatos em primeira pessoa, ou de impressões muito particulares, mas na capacidade de reportar, seguindo a essência da palavra, ao levar ao leitor os detalhes e a minúcias que fazem diferença na realidade que é contada.

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, na modalidade livro-reportagem.

² Aluna líder do grupo e estudante recém-formada em abril de 2011 no Curso de Jornalismo, email: jupassos1903@gmail.com.

³ estudante recém-formada em abril de 2011 no Curso de Jornalismo, email: joananeitsch@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: gislenesilva@gmail.com.



2 OBJETIVOS

2.1 Objetivos gerais

A partir desse trabalho pretende-se criar mais um vínculo cultural e intelectual entre Brasil e Angola. Apresentar o que os dois países têm em comum, por conta da colonização e os contrastes devido à diferença no estágio de desenvolvimento socioeconômico. Desmistificar a visão que ainda se tem no Brasil sobre a África, como se fosse um único país, com cultura e realidade uniforme. Ao abordar Angola, tem-se o objetivo de mostrar o quanto de história e conhecimento se encontra em um dos 54 países africanos.

2.2 Objetivos Específicos

Produção de um livro-reportagem, utilizando as ferramentas de apuração e escrita do jornalismo, sobre brasileiros que moram e trabalham em Angola. A proposta é abordar como imigrantes brasileiros com diferentes objetivos (ganhar dinheiro, adquirir experiência profissional e também tentar contribuir em questões sociais e humanitárias) lidam com a realidade que encontram. A partir dessas histórias pessoais, pretende-se mostrar que Angola tem alguns traços culturais e históricos semelhantes aos brasileiros, assim como problemas muito parecidos, mas em escala ampliada, em um país onde as marcas da guerra ainda são recentes.

3 JUSTIFICATIVA

A oportunidade de fazer o pé de meia ou movimentar vultuosas somas de dinheiro tem atraído milhares de pessoas para trabalhar em Angola. Em 2009, o número de brasileiro no país chegou a 40⁵ mil. Empresas brasileiras de diversos setores veem nesse país africano uma oportunidade para expandir os negócios. De acordo com dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 1395 empresas do Brasil exportam para Angola, a maioria (1173) em valores de até um milhão de dólares. Ainda que a maioria dos brasileiros se mude para Angola com o suporte de empresas, há brasileiros autônomos

⁵ RIBEIRO, Renato. Angola, onde o Brasil está mais presente na África. Disponível em: http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1089997-10406,00_ANGOLA+ONDE+O+BRASIL+ESTA+MAIS+PRESENTE+NA+AFRICA.html. Acesso em 7 de abril de 2011.

também, que decidem tentar a vida em um país em que ainda tem sérias dificuldades com a mão de obra especializada e atrai gente para cargos de pedreiros, esteticistas, professores, gerentes de multinacionais.

Angola foi colonizada pelos portugueses no século XVI e se tornou independente em 1975. A Guerra Civil entre exércitos de libertação prolongou-se até 2002. O conflito resultou em cerca de 1 milhão de mortos, 4,5 milhões de deslocados para outros países ou do campo para a cidade.

Em 2000, Angola registrava uma inflação de 268% ao ano, oito anos depois, caiu para 13%. Em 2008, o país foi o quarto entre os que mais cresceram no mundo, alcançou um aumento de 13,2% no Produto Interno Bruto. Essa realidade tem atraído desde brasileiros que investem como pequenos comerciantes e prestadores de serviço (cabeleireiros, manicures e donos de lojas de roupa) até empresas do porte da empreiteira Odebrecht e da Petrobrás. As duas multinacionais exportam anualmente, cada uma, mais de 50 milhões de dólares em mercadorias para Angola, além de terem filiais instaladas no país.

Entre os setores já consolidados na exportação brasileira para o país africano estão o de móveis; petróleo e derivados; gêneros alimentícios; aviões; e madeira. Embora as empresas brasileiras sejam responsáveis por 10% do PIB angolano, as trocas comerciais ainda são pequenas se comparadas a outros países, como Portugal e China. De acordo com o estudo de oportunidades de investimento em Angola, elaborado pela ApexBrasil existem 13 setores nos quais o Brasil pode aumentar sua participação, como veículos automotores e suas partes; máquinas e motores; têxteis; produtos químicos e farmacêuticos.

Bem antes das atuais relações econômicas, Brasil e Angola têm relações históricas: ambos são colonizados por Portugal e, portanto, se tornaram lusófonos. Na década de 1970, o diplomata brasileiro Ítalo Zappa visitava Angola - entre outros países africanos - para propor acordos comerciais. O governo brasileiro foi o primeiro a reconhecer a independência angolana, em 1975. O poder havia sido assumido pelo Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), grupo comunista e que recebeu auxílio dos cubanos para a conquista da independência. Ainda na época da ditadura, acordos comerciais e diplomáticos com a África independente provocaram atritos entre Brasil e Portugal, o que não impediu que eles fossem realizados numa política em que o governo brasileiro pretendia firmar novos parceiros, sem levar em consideração as ideologias.

Diante do contexto histórico e da realidade atual, produzir um livro-reportagem com uma leitura das relações socioeconômicas e culturais entre Brasil e Angola é pertinente tanto para compreender os diferentes tipos de intercâmbio que ocorrem entre os dois países,

quanto para contribuir em uma reflexão sobre os novos papéis que o Brasil vem adquirindo em suas relações internacionais.

4 MÉTODO E TÉCNICAS UTILIZADOS

O projeto foi desenvolvido no segundo semestre de 2010. A apuração teve seu período mais intenso durante a viagem de 28 dias que as autoras fizeram a Angola entre junho e julho de 2010. A produção e edição final se estenderam até novembro do mesmo ano. É válido lembrar que a pré-apuração teve início em agosto de 2009, com pesquisa bibliográfica, entrevistas e contatos com instituições que atuam em Angola.

Diante da amplitude do tema e do curto espaço de tempo para apuração, produção e finalização do conteúdo, o recorte foi feito a partir da história de trabalhadores brasileiros e angolanos que convivem em diversos ramos de atividades profissionais. A narrativa, conduzida por meio da história desses personagens, foi permeada por informações econômicas e culturais que envolvem a realidade, da qual se pretende retratar ao menos um fragmento.

Ao se usar o termo fragmento, se explicita que o trabalho não tem o intento de ser um tratado sobre as relações históricas ou econômicas entre Brasil e Angola. Busca, sim, um levantamento baseado nas ferramentas e métodos de que o jornalismo dispõe para auxiliar na interpretação da complexidade das relações que ocorrem na sociedade contemporânea.

Há temas que requerem uma abordagem mais ampla [...] é a reportagem que nos casos mais felizes oferece, em torno do núcleo frio que marca a face árida de um acontecimento, todo um contexto embelezado pela dimensão humana, pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de suas causas, pela indicação dos rumos que poderá tomar. (LIMA, 1998, pp. 10)

Embora o texto seja o suporte principal para a realização deste trabalho devido ao interesse e habilidade preferencial das autoras, a fotografia também é elemento integrante e fundamental dessa narrativa. No livro, as 17 fotos publicadas contribuem para que se tenha uma dimensão dos contrastes da realidade angolana, de como o país ainda tem marcas da guerra pelas ruas e do ritmo intenso em que se reconstrói a capital Luanda.

A narrativa do cotidiano de diversos personagens para expor a dinâmica de um país em reconstrução é apresentada neste livro-reportagem. Termo que imediatamente evoca o jornalismo literário e para o qual comumente são apontadas características como profundidade da narrativa, detalhamento do lado humano dos personagens, utilização de

recursos da literatura como o uso de diálogos, entre outros. Ora, apontar tais características para um texto é dizer que existem dois patamares entre o jornalismo e o jornalismo literário. Na verdade considera-se aqui que as qualidades citadas por alguns como exclusivas do jornalismo literário são, sim, típicas de boas reportagens em geral.

De igual forma, não é pretensão das autoras, encaixá-lo em uma editoria específica. Não se utilizará o jornalismo 'mosaico' como se refere Fontcuberta (2006) à separação por editorias que acaba por diminuir a complexidade das relações sociais, uma vez que um tema pode permear diversas questões como economia, cultura, ciência.

A narrativa é conduzida através de personagens, por meio dos quais se podem perceber algumas facetas da realidade das pessoas que vão para Angola trabalhar, bem como a própria situação do país e as relações de sua população com quem vem do exterior.

4.1 Levantamento bibliográfico e leituras

O levantamento bibliográfico e a leitura foram fundamentais. Em um primeiro momento foram selecionadas todas as informações possíveis sobre Angola e mesmo sobre a África, sempre com o cuidado de diferenciar que o país pode ter características distintas do continente como um todo. As pesquisas foram feitas em livros e sites na internet de história, literatura, sociologia, etc.

Partiu-se do entendimento de que é preciso conhecer elementos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais do país, o máximo possível, pois ainda que não houvesse espaço no livro-reportagem para toda essa gama de informações, elas serviriam como base para um trabalho consistente e crítico. Importante destacar o livro *Predadores*, de Arthur Pestana, que escreve sob pseudônimo de Pepetela. O romance, ainda que seja ficção, é baseado na realidade pós-independência e ascensão de várias pessoas por meio do Movimento Popular pela Libertação de Angola - MPLA, que assumiu o poder em 75, sem que houvesse alternância de poder. Essa leitura foi fundamental para que as autoras ficassem a par da história recente do país.

Os livros do escritor angolano Ondjaki, também ajudaram a construir o imaginário sobre Luanda antes da viagem. *Bom dia camaradas* e *Avó Dezanove* falam das memórias e fantasias de um menino angolano, por volta dos anos 80. Criado em um país onde era proibido tirar fotos nas ruas, com professores cubanos afáveis e soldados russos estranhos pela vizinhança. Essas obras ajudaram a ter uma dimensão das influências do regime socialista de outrora e deram alguns parâmetros para fazer comparações com a economia de mercado que impera hoje no país.

Houve o cuidado de se confirmar as informações, tanto na veracidade, quanto na atualidade. Para isso procurou-se sempre mais de uma referência e também questionar as pessoas entrevistadas a fim de verificar se os dados de estudos tinham uma fundamentação válida. Na confirmação dados econômicos e índices sociais foi necessário buscar escassos relatórios oficiais do governo angolano e comparar com informações da ONU e do Banco Mundial, por exemplo.

4.2 Elaboração de pautas

A liberdade que um livro-reportagem oferece na escolha da pauta é apontada por Lima (1998, p.15), em especial no que se refere à factualidade: “Isento de compromisso com a míope atualidade, o livro-reportagem avança para uma janela mais ampla de tempo, de modo a abranger com vigor a contemporaneidade”.

Essa liberdade foi utilizada a partir da escolha de pessoas que participam de diversos setores da sociedade e permitiram uma visão um pouco mais ampla da realidade angolana, assim como relacionar jornalismo e história de forma a captar esse 'vigor da contemporaneidade'.

Como não se trata de uma série de reportagens, os capítulos não foram formatados para que se concluíssem neles mesmos, uma vez que a história de cada pessoa se interliga com a de outra pelo contexto do ambiente de trabalho ou pelas experiências no próprio país. Desta forma, as informações vão se complementando ao longo do livro aprofundando o contexto de acordo com a vivência de cada personagem.

4.3 Apuração em Luanda

Aqui cabe o relato em primeira pessoa, pois a vivência no país foi fundamental na seleção dos aspectos mais relevantes da reportagem. Neste período em que nos dedicamos integralmente à apuração, a casa em que nos hospedamos era de uma família angolana, próxima ao centro e pudemos ir a muitos lugares caminhando. Ainda assim, nosso principal meio de transporte foi o mesmo que os angolanos mais utilizam, as *candongas*. Por questões de segurança a ONU orienta seus funcionários e voluntários que não utilizem esse meio de transporte. Mas era a melhor opção para nós, por ser a condução mais ágil e barata. Com relação à segurança, o risco está nos acidentes e não na violência, pois jamais nos sentimos ameaçadas quando andamos de *candongas*. Pelo contrário, as pessoas eram muito solícitas ao nos dar informações e em alguns casos, nos acompanharam até nosso destino.



Outras dificuldades, como a falta de luz quase diária e não ter água encanada em casa, fizeram parte da nossa rotina. Apesar de essa realidade tornar nosso dia-a-dia mais trabalhoso, a experiência foi fundamental para compreendermos a realidade do país. Além de nos basearmos nos relatos de nossos entrevistados, ao falar do cotidiano de Luanda, levamos em conta os problemas e as descobertas que sentíamos em nossa vivência. Nesse sentido, estávamos o tempo todo fazendo observações e procurando absorver o máximo das pessoas que conhecíamos, dos lugares por onde passávamos e das cenas a que assistíamos. Logicamente, também nos apresentávamos e fazíamos entrevistas de acordo com os métodos que aprendemos nas aulas do curso de jornalismo. Mas também ficamos atentas a conversas nas candongas, músicas, obras pelas ruas, gírias, hábitos diferentes, tudo que pudesse enriquecer nossa narrativa e ajudar a aprofundar a abordagem do nosso tema.

Essa imersão e o esforço de pensar em função da reportagem 24 horas por dia foram bastante cansativos, mas contribuíram para termos não só informações oficiais e entrevistas fragmentadas, mas riqueza de detalhes que se ligam por um contexto maior.

Ao todo, foram feitas cerca de 40 entrevistas. Para encontrar nossas fontes utilizamos variadas tentativas. Antes da viagem buscamos os contatos em redes sociais, procuramos assessorias de imprensa de empresas que atuam em Angola, fomos a regiões onde sabíamos que havia lojas de brasileiro e buscamos indicações de fontes com as próprias fontes que fomos encontrando.

5 DESCRIÇÃO

O livro *Fixe Malaike*, o cotidiano de Brasileiros em Angola tem 109 páginas e está dividido em sete capítulos. O título baseia-se em termos da gíria angolana e representa a dicotomia da presença dos brasileiros em Angola, que tanto contribuem com o crescimento, como exploram a realidade do país. *Fixe*: Bom, bem, tudo certo, legal; *Malaike*: Ruim, que não é bom, que não está bem.

1. Candongando

Apresenta o centro de Luanda e os comerciantes de lojas de roupas populares, que vendem roupas brasileiras ou pelo menos têm placas “Moda Brasileira”, para atrair clientes.

2. Vida entre muros

Mostra Luanda Sul, bairro afastado do centro e onde mora a maioria dos estrangeiros. Lá vive um casal de brasileiros: um corretor de imóveis e sua esposa que acaba de montar uma casa de festas para atender o público angolano.

3. Um império brasileiro

A partir da história de um engenheiro e um mestre de obras, aborda-se a participação da Odebrecht no país, a empresa que mais emprega em Angola no setor privado.

4. Comunicação para a guerra

O empresário Sérgio Guerra está há 10 anos em Angola. Começou como convidado para produzir um programa para incentivo a pequenas empresas por três meses. Criou o programa *Nação Coragem* que promoveu o encontro de diversas famílias angolanas depois da guerra. Hoje vive entre Rio, Salvador e Luanda com sua empresa, a Maianga produções.

5. Na terra do antigo irmão

O quinto capítulo mostra um jornalista que é afrodescendente e sonhava em viajar para a África e turismo, acabou virando empresário de diversos setores. Raimundo Lima é vice-presidente da Associação de Empresas Brasileiras em Angola. As relações econômicas entre os dois países aparecem com mais detalhes neste capítulo. Também falamos da ligação cultural, especialmente musical, entre Brasil/Angola.

6. Empreendedorismo missionário

Conta a história de Roberto, que vai para Angola como missionário pela primeira vez e, agora, retorna como representantes de pequenas empresas de Santa Catarina e sonha em ficar rico e ser uma referência em trabalho humanitário.

7. Até a próxima transferência

O cotidiano de Renata, jovem professora de alemão, que foi para Angola acompanhar o marido e faz trabalhos voluntários em uma creche e um abrigo para meninos.

Ao longo do livro, o olhar é como de um viajante, que a todo tempo observa curioso o local que está conhecendo e se depara com diferenças e semelhanças, mas em alguns momentos reflete mais sobre uma determinada questão, elenca exemplos e faz comparações acerca do que encontra.

Em um texto publicado por Falaschi no site da Associação Brasileira de Jornalismo Literário, é feita uma crítica à extensa publicação de livros-reportagem como projeto de conclusão de curso. O autor considera a opção, muitas vezes, é resultado de uma preguiça em editar ou aprimorar o texto que se torna “um amontoado de histórias”. A observação não é nova e desde que as autoras apresentaram a proposta do projeto de maneira informal ela foi colocada e houve cuidado para que o trabalho não se enquadrasse nessa descrição.



O material encontrado na *web*, não apenas *blogs*, mas também teses, monografias e reportagens dá conta de informar ao leitor a história do tempo colonial, guerra civil e um pouco da realidade atual do país. Com o objetivo de trazer mais do que aquilo que já foi dito, este livro-reportagem permite esmiuçar detalhes do cotidiano e apresentar o que é Angola na atualidade, busca riqueza de informações e diversidade de fontes e não simplesmente amontoar histórias.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao analisar o projeto inicial constatou-se que foram atingimos os objetivos traçados. O livro-reportagem foi produzido e, mesmo com o curto espaço de tempo, houve fôlego para conciliar as histórias pessoais que humanizam a narrativa, sem torná-las individualizadas demais, pois o levantamento de dados que trazem uma visão macro da realidade angolana e das relações com o Brasil também foi feito.

O enriquecimento de detalhes que um livro não só permite, como exige, também levou ao questionamento de até que ponto deveriam ser expostas as pessoas entrevistadas que contaram e em alguns casos mostraram, seu cotidiano em Luanda. O intento foi incluir o necessário, em que as contradições da vida e das próprias pessoas na capital angolana fiquem evidentes, sem invadir ou desrespeitar a privacidade dos entrevistados.

Realizar o trabalho o tempo todo em dupla, desde a elaboração do projeto até a edição do texto causou um estranhamento inicial. Na apuração em Luanda, em alguns momentos pareceu um mau aproveitamento do tempo fazer tudo juntas. No entanto, as providências tomadas inicialmente por questões de segurança e adaptação à cidade se mostraram eficientes para complementar informações e, posteriormente para descrição de cenas. Além de contribuir para a qualidade do trabalho, cumprir todo o processo em dupla foi um excelente aprendizado de trabalho em equipe: saber lidar com as diferenças e ritmo dos outros, fazer e aceitar críticas construtivas, aprender o máximo com a dupla e confiar no trabalho que os outros fazem.

Como em todo trabalho jornalístico, a pressão do *dead-line* conduziu ao encerramento da reportagem. Mas o tema não se esgota, ficam novos questionamentos para que outras pautas sejam criadas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APEX BRASIL. **Angola:** Relatório de oportunidades, 2009. Brasil, 2009.

FALASCHI, Celso. **Livro-reportagem ou reportagem grande?** - Disponível em <http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120030902202344&category=ensaios&lang> . Acesso em outubro de 2009.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. **Periódicos:** sistemas complejos, narradores em interacción. Buenos Aires; La Crujía, 2006.

FORLIN, Gabriela Azevedo. **Minas terrestres em Angola:** retratos de um drama cotidiano. Universidade do Vale do Itajaí, 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem.** São Paulo: Brasiliense, 1993. 69p.

MARANHÃO, *Tiago*. A cidade mais cara do mundo. IN: **Revista Exame**, 1º de julho de 2009. pg 98. Edição 946 ano 43 nº12.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Entrevista:** o diálogo possível. 2. Ed. São Paulo: Atica, 1990. 96p.

PANTOJA, Selma & SARAIVA, José Flávio S. **Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, 254 p.

PEPETELA. **Predadores.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

RIBEIRO, Renato. **Angola, onde o Brasil está mais presente na África.** Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1089997-10406,00-ANGOLA+ONDE+O+BRASIL+ESTA+MAIS+PRESENTE+NA+AFRICA.html>.